

Ideal do crescimento predomina

"Até a ministra Zélia pode falar em recessão que nós não acreditamos." A frase é do empresário Mauro Magalhães, que atua no ramo da construção civil, um dos setores da economia que se diziam mais penalizados com o Plano Collor. Mauro Magalhães, dono de uma empresa de Planejamento e Incorporações e diretor da Ademi (Associação das Empresas do Mercado Imobiliário), acha que em mais 30 dias a construção de imóveis entra no ritmo normal e, mesmo sem financiamentos, está buscando até idéias criativas que permitam a aquisição de casa própria pela classe média.

Seu diagnóstico para a economia brasileira espelha a rejeição que o país tem à idéia de recessão. O próprio Mauro admite que tecnicamente é muito difícil combater a inflação no Brasil sem que ocorra um desaquecimento econômico. "Só que isso não condiz com a lógica", reflete o empresário, confiante que com o fim da ciranda financeira o país volte ao princípio da busca de segurança no investimento em imóveis.

A síndrome da recessão impera no país a uma longa data, como lembra o ex-ministro do Planejamento Reis Veloso. Nunca nenhum governo se dispôs a combater a inflação sacrificando o crescimento econômico, mesmo quando as taxas de inflação eram de 20% ao ano. Sempre prevaleceram as teorias desenvolvimentistas e os programas de combate à inflação durante muitos anos foram gradualistas, justamen-

te para não comprometer o crescimento econômico.

Reis Veloso lembra que o preço que o país pagou por sempre ter perseguido o crescimento a qualquer custo foi o aborto de dois ciclos de expansão, em 1981 e 1987. "Essa postura tem que ser substituída pela procura do crescimento sustentável e isso só é possível sem inflação." Ele admite que a sociedade brasileira resiste à idéia de combater a inflação à custa de uma recessão. Uma postura cômoda, na medida que "todos alegam que não são causas autônomas da inflação".

As atuais reivindicações salariais e as reajustes que vêm sendo concedidos acompanhados de repasses a preços são fatores de preocupação. "A sociedade brasileira não sabe resolver seus conflitos distributivos sem recorrer à inflação", argumenta Veloso, alertando que esse comportamento acabará gerando a necessidade de uma recessão muito mais profunda para um efetivo combate à alta de preços. "O objetivo é liquidar a inflação e às vezes para controlar uma inflação bárbara é necessário passar por uma recessão. O problema é que, com tantas pressões contrárias, corre-se o risco de termos uma recessão além do que seria necessário", argumenta Veloso.

Colaboraram:

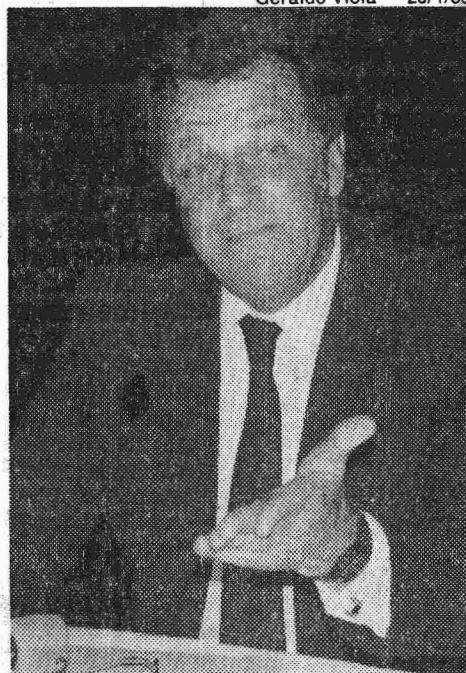
Reinaldo Ramos (São Paulo) e
Regina Perez (Rio).

Fernanda Mayrink — 7/3/89

Geraldo Viola — 20/1/85



Veloso: fim do gradualismo



Magalhães: o lógico é crescer